

Absolutivo e ergativo pensados a partir do Kuikuro

Bruna FRANCHETTO

Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Introdução

Desde meados do século XIX, Kuikuro é a denominação atribuída pela literatura etnográfica a um dos grupos locais falantes de uma língua pertencente à família karib e falada ao longo dos formadores orientais do rio Xingu, ao norte do Estado de Mato Grosso, na periferia meridional da Amazônia. A região dos formadores do rio Xingu abriga um sistema cultural multilíngüe cuja história começa há mais de três séculos atrás com migrações de povos karib e tupi para um área de refúgio já ocupada por sociedades arawak. O Kuikuro é uma das variantes da língua karib alto-xinguana, que, por sua vez, constitui um dos dois ramos meridionais da família Karib (Meira & Franchetto 2005), apresentando características únicas. Se comparada às outras línguas e agrupamentos karib, o Kuikuro, assim como as outras variantes do karib alto-xinguano, manifesta, no domínio fonológico, uma dorsalização articulatória difusa e a dissolução de grupos consonantais e da coda silábica, resultando no padrão (C)V. Marcadamente aglutinante e de núcleo final, como todas as línguas karib, o Kuikuro levou ao seu ponto extremo o desenvolvimento de um sistema

ergativo no que concerne a a marcação de caso nominal e a ordem básica de constituintes. Trata-se do ponto final de uma história que viu o surgimento de alinhamentos e marcação de caso nominal ergativos em construções nominalizadas subordinadas, nas línguas karib que Gildea chamou de Sistema I, com variações específicas, e que resultou no espraiamento desse padrão nas (poucas) línguas karib predominantemente ergativas do sistema II (Gildea 1998).

O propósito deste artigo é oferecer uma descrição sintética do Kuikuro enquanto língua 'ergativa', enfocando e procurando entender suas características principais: o paralelismo estrutural entre construções nominais e verbais, a natureza dos argumentos marcados como absolutivo e ergativo, a semântica da forma de realização do ergativo e os alinhamentos sintáticos.

Resumidamente, são as seguintes as características gerais tipológicas do Karib alto-xinguano e, por consequência, do Kuikuro:

- núcleo final e marcação de dependente (*dependent marking*);
- predominantemente e amplamente 'ergativa', no que concerne à morfologia de caso nominal (A marcado), a ordem pragmaticamente neutra dos constituintes (SV, OVA), conjunto único de marcadores de pessoa prefixados e codificando S/O nos verbos, argumento de posposições, 'possuidor' nos nomes.
- caso absolutivo de S/O (argumento de verbo mono-argumental ou intransitivo e argumento paciente ou experienciador de verbo transitivo) é não-marcado.
- os argumentos absolutivos formam com o verbo uma unidade fonológica que caracteriza o constituinte 'predicado' e paralela às relações entre 'possuidor' e nome 'possuido', e entre um núcleo posposicional e seu argumento.

2. Construções e flexões nominais e verbais: uma fronteira sutil

Começamos com um pouco de morfologia. Em Kuikuro, o trabalho de segmentar palavras nominais e verbais é uma espécie de operação cirúrgica, a cada passo mais fina, sobre membros de corpos conceituais.

Quando temos a impressão de ter chegado aos elementos morfológicos mínimos, se delineiam elementos ainda menores, impossíveis de serem categorizados em uma das classes lexicais tradicionais (nomes e verbos; Franchetto 2006). Com poucas restrições de sub-categorização, o Kuikuro é uma língua altamente aglutinativa e, como toda língua karib (Derbyshire 1999), revela uma notável riqueza tanto na morfologia derivacional como na flexional. Há prefixos de pessoa, prefixos e sufixos operam na mudança de valência (detransitivizadores e transitivizadores que operam sobre a grade argumental). Entre os sufixos há vários verbalizadores e nominalizadores, adverbializadores, aspectuais, de modo, tempo, plural e coletivo, cópula. Cinco classes flexionais morfológicas determinam a alomorfia de sufixos relacionais, de aspecto, modo, nominalizadores (Franchetto 2006; Santos 2002; Santos 2007). Cada raíz, incluindo as que constituem os verbos leves ou verbalizadores denominais, seleciona uma determinada classe, não tendo nenhum condicionamento fonológico ou semântico.

Não obstante, se considerarmos a flexão nominal nas construções genitivas e a flexão verbal no modo descritivo (não-marcado), seu paralelismo e mínima distinguibilidade surpreende até um observador superficial. Vejamos, primeiramente, as fórmulas que podem esquematizar as estruturas do verbo flexionado e do nome flexionado:

(a) Estrutura verbal (mínima):

$$[[[\sqrt{R}] v^0] T/Asp]$$

$$[[[N] v^0] T/Asp]$$

Estrutura das camadas flexionais do verbo:

(PR)-(MO)-(DTR)-Raíz-VBLZ(Tr/Int)-TR-(MOD)-ASP-(PL)-(T)

(b) Estrutura nominal (mínima):

$$[[[\sqrt{R}] n^0]$$

Estrutura das camadas flexionais do nome:

(PR)-(DTR-)-Raíz(-NMLZ)(-REL)(-COL)(-PL)(-T)

Os esquemas acima devem ser compreendidos à luz da proposta da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, 1994; Harley & Noyer 1998, 1999; Arad 1999). Consideramos que 'verbos' e 'nomes' resultam de processos sintáticos em que raízes (morfemas lexicais) não-categorizadas se associam a morfemas funcionais categorizadores verbais ou nominais. O léxico abriga, então, raízes 'nuas', com traços fonológicos, morfológicos e semânticos. Quando falamos em 'nomes' e 'verbos', entendemos os produtos de processos morfológicos na sintaxe (Franchetto 2006; Franchetto & Santos 2003; Santos 2002).

Processos (sintáticos) de re-categorização são extremamente produtivos. Há um considerável conjunto de verbalizadores que podem ser considerados verbos leves sufixados a radicais nominais e que determinam a classe morfológica aspectual. Há também vários nominalizadores. Processos de mudança de valência incidem sobre a redução ou o incremento da grade argumental do verbo. Verbos intransitivos podem ser transitivizados por dois morfemas funcionais (TR) realizados como sufixos e sensíveis ao traço [estado mental], que também selecionam a classe morfológica flexional. Verbos transitivos podem ser detransitivizados (DTR) por morfemas funcionais realizados como prefixos ao radical (*Vt*-) e que apresentam uma complexa alomorfia.

O ponto para o qual queremos chamar a atenção, contudo, é o paralelismo entre as flexões nominal e verbal e entre as palavras nominais e verbais, se compararmos a flexão aspectual. Observe-se a morfologia do aspecto pontual (PNCT) e do sufixo relacional (REL):

- (1) a. **u-ügü-lü** **(hige-i)**¹
 1-anzol-REL DPROX-COP
 meu anzol, (é este)
- b. **u-te-lü** **(hige-i)**
 1-ir-PNCT DPROX-COP
 Eu vou/meu ir (é este)

¹ Os dados Kuikuro são apresentados na transcrição ortográfica (fonêmica). Quando os símbolos ortográficos diferem dos símbolos IPA, os valores IPA são dados entre colchetes no seguinte inventário de fonemas: **ü** [ɨ], **j** [ʃ], **g** (tepe uvular), **ng** [ŋ], **nh** [ɲ]; o trígrafo **ngk** representa [ŋg]; **N** representa nasal subespecificada.

c. **u-api-lü** **(hege-i)** **i-heke**

1-bater-PNCT DDIST-COP 3-ERG

Ele me bateu / meu ter sido batido (foi aquilo) por ele.

No modo descritivo, o aspecto pontual se opõe aos aspectos continuativo e perfeito. O pontual significa ausência de extensão temporal interna, um evento ou estado visto como um instante fechado, um ente-evento, ou como dizem os Kuikuro, "é como coisa". Quanto ao aspecto continuativo (ou durativo), a diferença parece estar no formativo **-ta-**, cujo valor seria o de fluxo temporal interno, de processo; **-gü**, seria a mesma forma sufixal que ocorre em nomes 'possuídos' ou dependentes:

(2) a. **u-te-ta-gü**

1-ir-CONT-REL

Eu estou/estava indo.

b. **u-kanga-gü**

1-peixe-REL

meu peixe

-gü está presente em outros aspectos, como o pontual da Classe II (**nü-gü**) e o perfeito (**pü-gü**, **tühü-gü**); ele fecha a palavra verbal se não há sufixos de número, cópula ou negação.

Falamos em aspectos. Tempo é expresso muito pouco no interior da unidade S/OV e muito mais fora dela, através de advérbios, evidenciais, deíticos, em sua interação com os aspectos. As únicas formas para tempo são o futuro, que ocorre tanto em nomes como em verbos, seguindo o aspecto ou o relacionador, respectivamente, e o passado **-pe**, cujo significado é o de parte destacada de seu organismo vital, e que ocorre com argumentos, sejam nominais ou sentenciais:

(3) a. **u-kanga-gü-ingo** / **u-kanga-gü-pe**

1-peixe-REL-FUT / 1-peixe-REL-PAS

meu futuro peixe / o que foi meu peixe (olhando para as espinhas depois de uma refeição)

b. **u-nho-ingo** / **u-nho-pe**

1-esposo.REL-FUT / 1-esposo.REL-ex

meu futuro esposo / meu ex-esposo (falecido, separado)

c. **u-angu-ingo**

1-dançar.PNCT-FUT

Eu dançarei (meu futuro dançar).

- (4) **u-tsaku-lü-pe ike-tühügü leha u-heke**
 1-correr-PNCT-ex cortar-PERF CMPL 1-ERG
 Eu acabei de cortar meu ex-correr (lit.) / Eu parei de correr.

No exemplo acima, o argumento objeto (interno) de 'cortar' é sentencial, ou seja, um evento, 'o meu passado correr', onde o verbo apresenta obrigatoriamente o aspecto pontual, seguido pelo passado (nominal). Voltaremos aos argumentos sentenciais em seguida.

Negação e plural também não distinguem nome e verbo (PNCT):

Negação:

- (5) a. **inhalü kuge-i (ete-te)**
 NEG pessoa-COP aldeia-LOC
 Não há pessoas (na aldeia).
 b. **inhalü u-te-lü-i**
 NEG 1-ir-PNCT-COP
 Eu não vou/fui.
- (6) a. **ahütü kuge-la (ete-te)**
 NEG pessoa-NEG
 Não há pessoas (na aldeia).
 b. **ahütü u-te-lü-la**
 NEG 1-ir-PNCT-NEG
 Eu não vou.

O sufixo **-ko** é a realização da conjunção dos traços de animacidade e de número, como se vê em (7a, b, c). Quando se dá junto com a realização do traço de pessoa, **-ko** indica a pluralização do 'possuidor' nos nomes e, nos verbos, da pluralização do argumento interno, absoluto (Franchetto & *alii* 2007):

- (7) a. **itaõ-ko**
 mulher-PL
 mulheres
 b. **is-üngü-lü-ko**
 3-dormir-PNCT-PL
 Eles dormem/dormiram.
 c. **is-üngü-ne-tagü-ko isi heke**
 3-dormir-TR-CONT-PL mãe ERG
 A mãe está fazendo eles dormirem.

Em síntese:

- (i) a flexão verbal é minimamente distinguível da morfologia que expressa a relação geral de dependência estrutural entre um núcleo nominal e seu argumento, com algum acréscimo, significativo, para os verbos, a partir de uma mesma configuração flexional, como é o caso de modos e aspectos, que podem ser preservados na derivação de nomes deverbais²;
- (ii) ordem rígida e uma espécie de incorporação fonológica caracterizam a relação entre núcleo verbal, nominal ou posposicional e seu argumento;
- (iii) tudo indica que a concatenação (*merge*) entre núcleo e seu argumento interno é necessária para a atribuição do caso estrutural (absolutivo =genitivo), fechando uma fase da construção sintática;
- (iii) a finitude do verbo não parece ser dada pela flexão verbal, mas, sim, pela estrutura que articula a configuração IP (flexão) com a configuração CP (camada complementizadora), interface, esta, com o discurso e as intenções/concepções do falante);
- (iv) formas iguais e relacionadas podem ser identificadas nos seguintes níveis: (a) na morfossintaxe, sendo a flexão aspectual paralela à flexão relacional do nome dependente e permanecendo em nominais deverbais que denotam eventos (com leitura resultativa) e que, para ser argumento, não sofrem qualquer tipo de re-categorização (nominalização) explícita; assim, a unidade sintática [Argumento/Verbo-Asp Pontual] pode funcionar seja como predicado, seja como argumento; (b) no léxico, constituído por raízes acategoriais.

² As frases abaixo exemplificam a presença de aspectos em nomes deverbais, sendo que na primeira frase temos uma nominalização de evento incompatível com a projeção de estrutura argumental, enquanto na segunda frase a nominalização agentiva mantém o argumento interno:

- (i) **hosi-guN-ta-ne**
sorrir-VBLZ-CONT-GNR
sorrisada (evento de sorrir várias vezes por várias pessoas)
- (ii) **tü-ma i-hosi-ha-ne-ta-tinhi-i uaNke**
QU-EV 3-sorrir-VBLZ-TR-CONT-AENR-COP EV
Quem o estava fazendo sorrir tão intensamente?

3. Os casos na sintaxe Kuikuro

A estrutura da frase Kuikuro pode ser representada pela fórmula abaixo:

(Aheke) (Z)³ [S/O V] (Z) (Aheke)

O elemento Z (ver nota 4) e o argumento externo **Aheke** estão entre parênteses por não serem obrigatórios e poderem ocorrer antes ou depois da unidade [S/O V]. Vejam-se a seguir exemplos de construções intransitivas, em (8a,b,c) e transitivas, em (9a,b,c,d). Sublinhamos o ponto de 'concatenação' (*merge*) entre os nominais argumentos internos (absolutivos) e o verbo, interpretado fonologicamente como sílaba saliente (*pitch*) da palavra fonológica constituída pelo inteiro predicado. A, argumento externo de verbo transitivo, é marcado pela posposição **heke**:

(8) a. itão üñkgü-lü

mulher dormir-PNCT

A mulher dorme/dormiu/a dormida da mulher.

b. u-üñkgü-lü

1 dormir-PNCT

Eu durmo/dormi/minha dormida.

³ Raro em dados elicitados, mas presente na maioria das construções realizadas em contexto natural de comunicação, Z é elemento crucial da estrutura do enunciado; ele ocorre nas fronteiras da unidade [S/OV], geralmente na periferia esquerda da frase, locus do constituinte 'topicalizado' (como afirma Derbyshire para o Hixkaryana), ou em foco. Z consiste de morfemas funcionais que os Kuikuro chamam de **tisakisü enkgutoho**, 'feito para as nossas palavras aportar': **ige**, deítico de proximidade ou **ege**, deítico de distância (do ponto de vista do sujeito do ato de fala), mais a cópula -**i** e acompanhado não poucas vezes por modalizadores com valor epistêmico ou de evidencialidade, veiculando inclusive o valor temporal do enunciado como um todo (**ige** para o presente ou o futuro imediato, **ege** para passado ou futuro). O complexo Z ocorre em enunciados no modo descritivo (*realis*), nas interrogativas com construção de foco, e está ausente em enunciados negativos:

(i) **aile-ne e-nhümingo-ha ege-i ete-te**

festa-GNR chegar-FUT-AF DDIST-COP aldeia-LOC
UMA FESTA ESTÁ PARA ACONTECER na aldeia.

(ii) **konige-ha ege-i tsuei kongoho ngingi-lü**

ontem-AF DDIST-COP muito chuva cair-PNCT
ONTEM choveu muito.

(iii) **hüati heke-ha ige-i toto heku-te-gagü is-ügünü hata**

xamã ERG-AF DPROX-COP homem curar-VBLZ-CONT 3-doente TEMP

O XAMÃ está curando o homem que está doente (lit. está sendo pelo pajé o curar/a cura do homem quando da doença dele).

- c. **e-ünggü-lü-ko**
 2-dormir-PNCT-PL
 Vocês dormem/dormiram.
- (9) a. **kangamuke ahetinho-mba-lü i-heke**
 criança ajudante-VBLZ-PNCT 3-ERG
 Ela ajuda/ajudou a criança.
- b. **kangamuke ahetinho-mba-lü itão heke**
 criança ajudante-VBLZ-PNCT mulher ERG
 A mulher ajuda/ajudou a criança.
- c. **itão heke u-ahetinho-mba-lü**
 mulher ERG 1-ajudante-VBLZ-PNCT
 A MULHER me ajuda/ajudou.
- d. **a-ahetinho-mba-lü-ko i-heke**
 2-ajudante-VBLZ-PNCT-PL 3-ERG
 Ele ajuda/ajudou vocês;

3.1. O caso absolutivo

O caso absolutivo dos argumentos internos – S para os verbos intransitivos ou monoargumentais e O para os verbos transitivos – é estrutural, *default*, não-marcado. Os argumentos absolutivos ou são a realização fonológica de traços de pessoa e número, em prefixos pronominais e sufixos de pluralização, ou são nominais plenos em posição pré-verbal. Há, então, uma distribuição contrastiva entre os argumentos pronomes (pronomes fortes em formas presas) e nominais livres; não há manifestação de concordância e a realização fonológica de traços de pessoa e número não diferencia verbos de nomes.

Os argumentos absolutivos S/O constituem com o verbo um 'corpo' fonológico impenetrável. Já mencionamos e ilustramos este comportamento, que caracteriza, aliás, a relação entre qualquer núcleo e o seu argumento. Lembramos que [OV] com aspecto pontual no verbo, pode ser argumento, sem apresentar qualquer flexão reduzida ou qualquer processo de deverbalização. Vejam-se mais exemplos abaixo com eventos em função O em (15), A (argumento externo) em (10) e (11) e de argumento de posposição em (12) e (13):

- (10) **kuge heke [ete imoki-lü] ingu-gi-ta(gü)**
 pessoa ERG aldeia mudar-PNCT olho-VBLZ-CONT
 AS PESSOAS estão/estavam decidindo mudar a aldeia.
- (11) **a-aki-nügü kaha ege-i a-katsu heke**
 2-cançar-PNCT EV DDIST-COP 2-trabalhar.PNCT ERG
 Teu trabalho te cansou?
- (12) **u-te-lü-ti u-i-tsagü**
 1-ir-PNCT-DES 1-ser-CONT
 Eu quero ir.
- (13) **u-te-lü-ingo hege-i embuta-te-lü-inha**
 1-ir-PNCT-FUT DDIST-COP remédio-VBLZ-PNCT-PURP
 Meu futuro ir será para dar remédio (lit.) / eu irei dar remédio;

Os argumentos absolutivos não ocorrem não contíguos ao núcleo V sem conseqüências estruturais. Veja-se, em (14) e (15a,b), a forma participial do verbo: a posição de argumento interno é preenchida pelo prefixo **t-**⁴ e o Objeto se desvincula de sua íntima relação com o verbo, adquirindo liberdade de posição e mantendo assim sua autonomia fonológica (acento de altura na penúltima sílaba da palavra isolada, padrão previsível em Kuikuro):

- (14) **kangamuke; leha t_i-ahetinhoN-ha-ti i-heke / itaõ heke**
 criança CMPL AN-ajudante-VBLZ-PTP 3-ERG / mulher ERG
 Ela/a mulher já ajudou o menino/a mulher tendo ajudado o menino.
- (15) a. **t_i-üNkü leha itaõ;**
 AN-dormir.PTP CMPL mulher
 A mulher já dormiu/já tendo dormido.
- b. **itaõ; leha t_i-üNkü**

Veremos, em 3.4, que o alinhamento absolutivo S/O se mantém ou se desfaz em outros contextos, dando lugar a alinhamentos acusativo, nominativo e tripartido.

⁴ O prefixo **t-** que caracteriza a forma participial do verbo poderia ser considerado um pronome genérico, um ‘preenchedor’ curinga de posição argumental, como sugere o parecerista deste artigo. Assim sendo, ele não deveria ser ‘confundido’ com outro prefixo homófono cujo valor é de reflexivo e anafórico. É esta uma questão que não é específica apenas à língua karib alto-xinguana, mas, sim, a todas as línguas da família. Não chegamos até o momento a uma análise satisfatória dos diferentes **t-** Kuikuro, mas mantenho a hipótese de que há um denominador comum, um traço de anaforicidade que perpassa todos eles.

3.2. O caso ergativo

Em Kuikuro, um sintagma cujo núcleo é a pós-posição **heke** pode ser um adjunto em VP ou o argumento externo de verbo transitivo. Nesta última função, **heke** é um *outsider* na família karib, já que as outras línguas, independentemente da natureza de sua ergatividade, o caso ergativo é realizado por locativos ou dativos. Considero, agora, as várias faces de um sintagma **heke**, começando por aquelas que não são as do ergativo e às quais atribuo a glosa PRSP (perspectiva); ou seja começo por **heke** quando ele não é núcleo de DP com papel temático de 'Agente' (argumento externo), e reservo a glosa ERG para esta última função. Chamo o primeiro de **hekeP** e o segundo de **Aheke**.

Baseando-me na semântica de **heke**, proponho a extensão de uma noção específica de 'perspectiva', do campo das relações espaciais à quantificação no sentido de individuação e atualização de um membro potencial no interior de um conjunto, e, finalmente, à noção de 'fonte' do argumento externo de um verbo transitivo. A noção de 'perspectiva' é então associada à interpretação do ergativo como 'fonte' externa⁵.

3.2.1. hekeP, adjunto de perspectiva

Com o intuito de percorrer o caminho percorrido pela língua Kuikuro na extensão da semântica e da função de **heke**, vejamos os contextos de ocorrência de **hekeP** como adjunto com o sentido de 'perspectiva'.

(i) Relações espaciais – distância medida a partir de um ponto de vista:

- (16) **ete ihaki posutu heke**
 aldeia longe posto PRSP
 A aldeia está longe do posto.

(ii) construção de foco (clivada), relativa restritiva - perspectiva como função quantificadora (identificação de um subconjunto no interior de um conjunto maior):

⁵ Em trabalhos anteriores (Franchetto & Santos 2003, Franchetto 2006) causa externa e causa interna foram considerados sinónimos de argumentos externo e interno, respectivamente.

- (17) **kagaiha ese-i [kuk-itsake-tagü-ko heke]**
 branco esse-COP 12-cortar-CONT-PL PRSP
 Eram os Brancos que nos golpeavam.

- (18) **"ande-ha e-ingo" nügü i-heke**
 aqui-AF 2-urucum dizerPNCT 3-ERG
 "Aqui está o teu urucum" disse para ela.

ondo heke-ha
 urucum PRSP-AF
 o urucum feminino

umüngi otohongo heke-ha
 urucum.vermelho outro.mesmo PRSP-AF
 o outro tipo de urucum

(iii) Com verbo intransitivo, especifica o evento descrito pelo predicado (quantificação restritiva):

- (19) **e;pinkgi-tagü-ha ege-i [t_i-uüN uhi-jü heke]**
 3falhar-CONT-AF DDIST-COP RFL-pai procurar-PNCT PRSP
 Ele estava falhando na procura de seu próprio pai.

- (20) **ege tuãkuna uãke u-i-tsagü [t-ahehi-jü heke]**
 DDIST epoca.chuva EV 1-ser-CONT [DTR-escrever-PNCT PRSP]
 O ano passado estava ocupado em escrever;

- (21) **Agijakuma ki-lü t-umu-gu heke-ha Kamatahigagi heke-ha**
 A. dizer-PNCT AN-filho-REL PRSP-AF K. PRSP-AF
 Agijakumã disse para o seu filho, para Kamatahigagi.

(iv) Fato intrigante do Kuikuro, o sintagma nucleado por **heke** ocorre em construções interrogativas QU com verbo intransitivo (22c) ou transitivo derivado (23b), mas não com transitivos não derivados (24c) e com significado de futuro iminente e volição do ator. A construção alternativa com verbo nominalizado é, contudo, mais freqüente. Ainda não tenho uma explicação satisfatória para este fenômeno, mas avanço aqui a hipótese de que a interpretação de **hekeP** como perspectiva quantificadora poderia ser válida também nestes casos:

- (22) a. **tü t-atsaku-nhü-i**
 QU AN-correr(PTP)-AINR-COP
 Quem corre/correu? (lit. quem é/foi o corredor?)

- b. **tü t-atsaku-ga-tinhü-i**
 QU AN-correr-CONT-AINR-COP
 Quem está/estava correndo? (lit. quem é o que está correndo?)

- c. **tü-ma t-atsaku-lü heke**
 QU-DUB AN-correr-PNCT PRSP
 Quem está para correr/quer correr?
- d. **tü-ma t-atsaku-lü-ingo-i**
 QU-EV AN-correr(PTP)-PNCT-FUT-COP
 Quem correrá? (lit. quem é o futuro corredor?)
- (23) a. **tü-ma inh-angu-ne-ta-tinhi-i uãke**
 QU-EV 3-dançar-TR-CONT-AENR-COP passado
 Quem está fazendo ela dançar?
- b. **tü-ma inh-angu-ne-tagü heke uãke**
 QU-EV 3-dançar-TR-CONT PRSP passado
 Quem estava para/querendo fazer ela dançar?
- (24) a. **tü-ma uãke e-ipo-ni-i**
 QU-EV passado 2-furar-AENR-COP
 Quem te furou? (no ritual de iniciação masculina do 'furo da orelha'; lit. quem foi o teu furador?)
- b. **tü heke e-ipo-lü uãke**
 QU ERG 2-furar-PNCT passado
 Quem te furou?
- c. ***tü-ma uãke e-ipo-lü heke**
 QU-EV passado 2-furar-PNCT PRSP
 Quem estava para/querendo te furar?

3.2.2. Aheke, ergativo para o argumento externo

O sintagma nucleado por **heke** pode constituir dois objetos sintáticos distintos: adjunto em VP, como mostrei na seção anterior, e argumento externo projetado por *v*, categoria funcional associada à transitividade (Marantz 1984, Kratzer 1993, Chomsky 1995). Os exemplos seguintes ilustram esta outra natureza de **heke**, realização de caso ergativo. Veja-se o contraste entre (25a), onde **Aheke** é argumento externo do verbo transitivo, e (25b) onde o predicado contém um verbo intransitivo (detransitivizado) e **hekeP** especifica a descrição do evento, sendo possível o controle do reflexivo no adjunto:

- (25) a. **tolo itsu(N) heke ege-i u-imbaki-lü**
 ave som ERG DDIST-COP 1-acordar-PNCT
 O canto dos pássaros me acordou.

- b. **tolo_i et-ine-nügü-ha ege-i t_i-itsu(N) heke**
 ave DTR-começar-PNCT-AF DDIST-COP AN-som PRSP
 O pássaro começou a cantar.

(26b) é agramatical por ser impossível o controle do reflexivo no argumento externo **Aheke**, enquanto em (26c) é possível o reflexivo no adjunto em VP com verbo intransitivo:

- (26) a. **u-hisuü-gü_i oni-ki-jü-ha ege-i i_i-hi-tsü heke**
 1-irmão-REL sonhar-VBLZ(tr)-PNCT-AF DDIST-COP 3-esposa-REL ERG
 Meu irmão sonhou com a sua própria esposa.
- b. ***u-hisuü-gü_i oni-ki-jü-ha ege-i t_ü-hi-tsü heke**
 1-irmão-REL sonhar-VBLZ(tr)-PNCT-AF DDIST-COP RFL-esposa-REL ERG
- c. **u-hisuü-gü_i oni-tuN-ta ege-i t_ü-ajo ake**
 1-irmão-REL sonhar-VBLZ(intr)-CONT DDIST-COP RFL-amante COM
 Meu irmão_i estava sonhando com a namorada dele_i.

A natureza 'externa' do argumento **Aheke**, a sua distância estrutural de VP, é evidenciada pela sua mobilidade sem conseqüências estruturais, já exemplificada anteriormente, e em construções como (27), onde não acompanha o movimento para foco do argumento eventivo da posposição **-ti** (desiderativo), permanecendo *in situ*:

- (27) [**kanga enge-lü-ti_i [-ha [ege-i]]_{CP} [u-i-tsagü]_{VP} [t_ü-muku-gu heke]**
 peixe comer-PNCT-DES-AF DDIST-COP 1-ser-CONT AN-filho-REL ERG
 Eu quero que meu filho COMA (O) PEIXE.

E em estruturas de controle, que revelam um alinhamento ergativo, já que PRO só pode ser o sujeito co-referente da subordinada:

- (28) a. [**e-ingi-lü-inha PRO_i ekise_i te-tagü**
 2-ver-PNCT-DAT ele ir-CONT
 Ele está indo te ver.
- b. [**i_i-katsu-inha] ekise_i te-tagü**
 1-trabalhar.PNCT-DAT ele ir-CONT
 Ele está indo trabalhar.
- c. ***[PRO_i katsu-inha]ekise_i te-tagü**

Falamos em dois objetos sintáticos distintos coexistindo em Kuikuro – **hekeP** como adjunto e **Aheke** como argumento externo – mas a semântica de **heke** como perspectiva delimitadora do predicado é comum a ambos. A forma de realização de caso ergativo no argumento externo

parece, então, emergir desta noção. A ausência de qualquer conotação de agentividade (volicional ou não) do argumento externo e sua concepção como mera fonte ou causa inicial do evento são elementos do percurso específico que levou à ergatividade da língua karib alto-xinguana.

3.3. Argumentos absolutivos e ergativos: assimetrias e alinhamentos

Em 3.1 foi apresentado o alinhamento 'absolutivo', dominante. Ele vale também para as nominalizações de S e O, absolutamente idênticas, oferecendo evidência para a posição de ambos como argumentos internos. Todo verbo intransitivo é, em Kuikuro, inacusativo, não havendo nenhum fenômeno ou processo que permita identificar uma distinção entre as classes de inergativos e inacusativos. A nominalização em questão resulta do acréscimo do nominalizador **-nhü** à forma verbal participial, cuja interpretação é de estado ou condição resultante de evento prévio, estado atribuído ao argumento (Santos 2007):

- (29) **tü-je-ti-nhü** **ekise-i**
 AN-nadar-PTP-AINR 3D-COP
 Aquele é quem nadou / nadado.
- (30) **ekege leha** **t-apüN-i-nhü**
 onça CMPL AN-morrer-PTP-AINR
 A onça (está) morta / que morre.
- (31) **üngele-tüha** **tü-e-nhü**
 AND-EV AN-matar.PTP-AINR
 Foi esse que foi morto.

A identidade S/O, todavia, se desfaz, dando lugar a uma assimetria quando se trata de movimento para posições na periferia esquerda da frase (CP). A focalização de objeto, por exemplo, resulta em uma construção que chamo de 'de-ergativizada':

- (32) **tatohonho-ha** **ige-i** **u-nho** **N-ha-tühügü**
 cesto-AF DPROX-COP 1-esposo MO-fazer-PERF
 Este cesto é que meu esposo fez.

Na construção acima, o verbo continua transitivo, o vestígio do objeto é fonologicamente realizado, mas incapaz de receber o caso estrutural (absolutivo), atribuído, então, ao primeiro argumento pleno disponível, o A(gente). Contrastando com a focalização de O, a de S e A

resulta em nominalizações distintas, uma de argumento interno – do tipo já exemplificado em (22a,b) e ainda em (33) – e outra agentiva, como se vê em (34):

- (33) **itaõ-ha ege-i t-atsaku-nhü**
mulher-AF DDIST-COP AN-correr.PTP-AINR
Aquele é a mulher que correu.
- (34) **utoto-ha ekise-i akinhá iha-ta-tinhi**
homem-AF 3D-COP estória mostrar-CONT-AENR
Aquele é o homem que estava contando estória(s).

Nas nominalizações que caracterizam as construções de foco, evidencia-se, então, um alinhamento tripartido, ilustrado mais uma vez pelos exemplos que se seguem:

Foco de S

- (35) a. **u-ingãtzu-ha ekise-i t-iniluN-ta-tinhü-i**
1-irmã-AF 3D-COP AN-chorar-CONT-PTP.AINR-COP
Minha irmã era aquela que estava chorando.

Foco de A

- b. **u-ingãtzu-ha ekise-i hikutaha enge-ni-mbüngü**
1-irmã-AF 3D-COP tracajá comer-AENR-SUBS
Minha irmã foi aquela que comeu tracajá.

Foco de O:

- c. **hikutaha_i-ha ege-i u-ingaNtsu ngi-enge-tagü**
tracajá-AF DDIST-COP 1-irmã MO-comer-CONT
Tracajá era aquilo que minha irmã estava comendo.

A existência de diferentes alinhamentos em Kuikuro leva a reconsiderar a natureza de absolutivo e ergativo como realização morfológica de relações argumentais de caso.

4. Conclusões

Resumo a seguir as características do Kuikuro (e da língua karib alto-xinguana) com o intuito de entender sua 'ergatividade':

- (i) O verbo e seu argumento interno tema – ator ou experienciador com verbos intransitivos e paciente ou experienciador com verbos transitivos –

se 'fundem' num bloco impenetrável (SV) que descreve o evento. O tema argumento interno satisfaz a exigência de saturação temática e argumental; as nominalizações S/O indicam que todo verbo intransitivo se comporta como inacusativo. O Kuikuro é, então, uma língua ergativa não-ativa.

(ii) O absolutivo é o caso atribuído diretamente ao argumento interno, caso *default* (não marcado), ou *mandatory case* segundo Legate (2004).

(iii) O paralelismo estrutural e flexional de NP e VP e a identidade entre construções genitivas, nominais eventivos e predicados, onde o argumento interno é S/O ou 'possuidor'.

(iv) A natureza 'externa' do argumento marcado ergativamente. A partir da semântica de **heke**, estabeleci um continuum da noção de perspectiva de **hekeP** como adjunto a **Aheke**, o argumento externo (transitivo): individualização e atualização de um membro (potencial) de um conjunto. A noção de perspectiva é então associada à interpretação do ergativo. Sintaticamente, há um corte dramático no continuum: a coexistência de dois objetos estruturalmente distintos - o adjunto **hekeP** e o argumento externo **Aheke**.

(v) Os diversos alinhamentos sintáticos: absolutivo, acusativo, tripartido. O alinhamento nominativo pode ser acrescentado se considerarmos que há características de 'sujeito' dos argumentos externo e S no controle do reflexivo; ambos se moveriam, possivelmente de modo encoberto, para T, a projeção mais alta em IP (camada flexional).

Duas são as conclusões a que é possível chegar, no momento. A primeira é que o Kuikuro, língua morfologicamente ergativa em termos de caso nominal explícito, do ponto de vista da tipologia morfossintática, assim como as outras variantes da língua karib alto-xinguana, confirma a hipótese diacrônica de Gildea (1998) da emergência da ergatividade, na família karib, de construções nominalizadas, relação estreita ainda evidente sincrônicamente e investigada em profundidade por Alexiadou (2001), entre outros. A teoria de Legate (2004, 2006) distingue Caso abstrato de caso morfológico e me parece dar conta de modo convincente dos fatos Kuikuro.

A segunda conclusão é de que o absolutivo é o caso estrutural, obrigatório, realização morfológica dos casos abstratos nominativo e

acusativo, e o ergativo é o caso lexical do argumento agente (fonte na acepção Kuikuro) introduzido não por V, mas por um verbo leve, uma categoria funcional. Item do repertório Kuikuro das formas de realização de caso, o **heke** para o 'ergativo' do agente/fonte é hierarquicamente precedido pelo *default* absolutivo. A semântica de **heke**, enfim, nos diz muito sobre uma concepção específica de 'agente' e sobre o diferencial 'ergativo' Kuikuro no âmbito da família karib.

Abreviações das glosas

1	primeira pessoa	ERG	ergativo
12	primeira pessoa dual inclusiva	EV	evidencial
13	primeira pessoa plural exclusiva	FUT	futuro
2	segunda pessoa	GNR	nominalizador genérico
3	terceira pessoa	LOC	locativo
3D	terceira pessoa dêictica	MO	marcador de objeto
AENR	nominalizador de argumento externo	MOD	modo
AF	partícula constativa	NEG	negação
AINR	nominalizador de argumento interno	NMLZ	nominalizador
AN	anafórico	PAS	passado (nominal)
AND	dêictico anafórico	PERF	perfeito
ASP	aspecto	PL	plural
CMPL	completivo	PNCT	aspecto pontual
COM	comitativo	PR	prefixo pronominal (pessoa)
COL	coletivo	PRSP	perspectiva
CONT	aspecto continuativo	PTP	particípio
COP	cópula	PURP	propósito
DAT	dativo	QU	partícula interrogativa
DDIST	dêictico de distância (do falante)	REL	relacionador
DES	desiderativo	RFL	reflexivo
DPROX	dêictico de proximidade (ao falante)	SUBS	substancializador
DTR	detransitivizador	T	tempo
		TEMP	subordinação temporal
		TR	transitivizador
		VLZ(Tr/Int)	verbalizador transitivo ou intransitivo

Referências

ALEXIADOU, Artemis

2001 *Functional Structures in Nominals. Nominalizations and Ergativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

ARAD, Maia

1999 On 'Little v'. *Papers on Morphology and Syntax*, Arregi K., Bruening B., Krause C. & Lin V. (eds.), pp. 1-25. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics.

CHOMSKY, Noam

1995 *The Minimalist Program*. Cambridge MA: The MIT Press.

DERBYSHIRE, Desmond C.

1999 Carib. *The Amazonian Languages*, Dixon R. M. W. & Aikhenvald A. Y. (eds.), pp. 23-64. Cambridge: Cambridge University Press.

FRANCHETTO, Bruna

2006 Are Kuikuro Roots Lexical Categories? *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*, Lois X. & Vapnarsky V. (eds.), pp. 33-68. Bern: Peter Lang.

FRANCHETTO, Bruna & SANTOS, Mara

2006 Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos 'verbos' kuikuro. *Ergatividade na Amazônia II*, pp. 101-154. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Laboratório de Línguas Indígenas (UnB). http://celia.cnrs.fr/FichExt/Documents%20de%20travail/Ergativite/Introductions_ergativite.htm

FRANCHETTO, Bruna, MEHINAKU, Mutuá & SANTOS, Mara

2007 Concepts and forms of 'plurality' in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). *Proceedings of SULA4: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*, Deal A. R. (ed.), pp. 99-116. University of Massachusetts Occasional Papers GLSA 35.

GILDEA, Spike O.

1998 *On Reconstructing Grammar: Comparative Cariban Morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.

KRATZER, Angelica

1993 *The event argument and the semantics of voice*. Ms. University at Massachussets at Amherst.

HALLE, Morris & MARANTZ, Alec

1993 Distributed morphology and the pieces of inflection. *The View from Building 20 Essays in Honor of Sylvain Bromberger*, Hale K. & Keyser S. J. (eds.), pp. 111-176. Cambridge: MIT Press.

HARLEY, Heidi & NOYER, Rolf

1998 Licensing in the Non-Lexicalist Lexicon: Nominalizations, Vocabulary Items and the Encyclopedia. Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect. MIT *Working Papers in Linguistics* 32, Harley H. (ed.), pp. 119-138.

1999 Distributed Morphology. *GLot International* 4.4: 3-9.

LEGATE, Julie A.

2004 *Case, agreement and ergativity*. Colloquium Series, Cornell University.

2006 Split Absolutive. *Ergativity: emerging issues*, Johns A., Massam D. & Ndayiragije J. (eds.), pp. 143-171. Dordrecht: Springer.

MARANTZ, Alec

1984 *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.

MEIRA, Sérgio & FRANCHETTO, Bruna

2005 The southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics* 71: 127-192.